

Sobre a ideia de sustentabilidade microensaios

Nílson José Machado

njmachad@usp.br

www.nilsonjosemachado.net

- 1 - Seis razões para preservar o meio ambiente
- 2 - Sobre crescimentos
- 3 - Sustentabilidade, Física e Poesia
- 4 - Sustentabilidade: ser ou não ser?
- 5 - A pós-modernidade da Contabilidade
- 6 - A insustentável sustentabilidade do ser
- 7 - Durabilidade
- 8 - Durabilidade e conservação
- 9 - Quatro formas básicas de reacionarismo
- 10 - A conservação negativa

Referências Bibliográficas

- BOBBIO, Norberto - *Direita e Esquerda*. São Paulo: Editora da UNESP, 1995.
- BOBBIO, Norberto - *El filósofo y la política*. México: Fondo de Cultura Económica, 1997.
- HIRSCHMAN, Albert O. - *A retórica da intransigência*. São Paulo: Cia das Letras, 1995.
- OAKESHOTT, Michael - *El racionalismo em la política*. México: Fondo de Cultura Económica, 2000.

1 - Seis razões para preservar o meio ambiente

Habitamos a Terra e não podemos trocar de casa; não existem similares à venda. Eis uma boa razão para cuidar do lar que temos.

A Terra é como um ser vivo: se não for bem cuidada, pode morrer. Ela inclui os humanos, os animais, as plantas, o ar e a água que viabilizam a vida.

O desperdício faz mal ao ambiente, que sofre com a água desperdiçada, a comida jogada fora, embalagens de vida curta, e a volúpia por coisas novas, mal consumidas, logo trocadas e postas no lixo.

Nossos recursos materiais, mesmo os maiores, vão acabar. Reaproveitar o que é possível faz bem ao ambiente: roupas, papéis, matérias-primas, artefatos de mil tipos...

A natureza nos oferece muitos recursos renováveis. É possível programar uma exploração sustentável dos mesmos: a cada árvore tombada, outra deve ser plantada...

Todos precisam de ar e água para viver, mas tais recursos não são igualmente partilhados nas diversas regiões da Terra. Usar responsavelmente tais recursos e garantir o bem comum é ser cidadão do mundo.

2 - Sobre crescimentos

As plantas crescem, as crianças crescem, as empresas querem crescer, a população do mundo aumenta sempre, os países querem PIBs cada vez maiores. A vontade de crescimento parece ser uma unanimidade. Mas há crescimentos e crescimentos.

O crescimento de uma árvore ou o de um ser humano tem limites naturais, talvez também o tenha o da população do mundo. Já as unhas e os cabelos crescem continuamente, enquanto estamos vivos, e desde cedo aprendemos a periodicamente cortá-los. Por outro lado, a fé na perfectibilidade humana também conduz ao elogio do crescimento pessoal, que deveria ser permanente, tanto do ponto de vista moral quanto do intelectual.

A positividade do crescimento, no entanto, pressupõe ordem, equilíbrio e disciplina. Um crescimento desordenado, fora de controle, passa longe de algo desejado, nos mais diferentes contextos; no caso do corpo humano, pode ser associado a uma formação tumoral ou aos diversos tipos de câncer.

A vida pode ser o custo do crescimento a qualquer custo.

3 – Sustentabilidade, Física e Poesia

A sustentabilidade invadiu o discurso politicamente correto, às vezes de modo paradoxal. "Crescimento sustentável" é uma expressão com as características de um verdadeiro oxímoro, como "claro enigma", ou "doce fel".

A degradação da energia e o crescimento da entropia de um sistema abandonado à própria sorte, como é o Universo, segundo a Ciência, conduzem à irreversibilidade do tempo.

O crescimento populacional e os recursos não renováveis tornam a sustentabilidade em sentido estrito uma quimera. Em última instância, ela exigiria um Universo em expansão, o que é apenas uma entre diversas hipóteses da Física.

É da seara da poesia que vem a evidência maior da insustentabilidade da sustentabilidade. Em *O Mono Gramático*, ao perscrutar o sentido da realidade e da linguagem humana, Octavio Paz proclama e reitera: "... a fixidez é um momento de mudança. A fixidez é sempre momentânea".

A vida não pode ser congelada. A consciência e o equilíbrio são fundamentais, mas o que está vivo se esvai.

4 – Sustentabilidade: ser ou não ser?

A expectativa da sustentabilidade tornou-se dogmática. Não se pode dissentir sem parecer herege, ou irresponsável. Mas ser ou não ser sustentável não é uma conceituação simples. Algumas questões podem balizar uma discussão.

Sustentabilidade não é inação, mas criação. A razão e os processos vitais combinam-se em ações que resistem ao aumento da entropia dos sistemas.

Sustentabilidade não é estagnação, mas equilíbrio na ação, como quando andamos de bicicleta.

Sustentabilidade não é garantia de crescimento, mas de aperfeiçoamento pessoal e nos processos produtivos.

Sustentabilidade não é sinônimo de duração infinita, mas busca de uma durabilidade condizente com a valorização dos recursos.

Sustentabilidade não é factível em contextos apenas locais; ela exige uma abordagem sistêmica dos atores e elementos envolvidos.

Sustentabilidade, enfim, não é pretensão de imortalidade, mas reconhecimento da finitude da vida, uma chama que nos anima e consome, que é eterna enquanto dura, como cunhou o poeta.

5 - A pós-modernidade da Contabilidade

A Contabilidade parece uma área do conhecimento de estatuto simples. A ideia fundamental em sua temática seria o controle do fluxo de entradas e saídas de valores financeiros nas empresas.

Os contabilistas reagiriam a tal simplificação, destacando muitas facetas técnicas da profissão, e estariam plenos de razão. Mais pertinente ainda, no entanto, seria reivindicar que algumas das ideias mais importantes do mundo atual têm origem na Contabilidade.

A Cibernética deu o máximo destaque à noção de sistema, com seus *inputs* e *outputs*, tornando a busca do controle e do equilíbrio uma sofisticada ciência. A Ecologia transportou tais ideias para a Terra como um sistema, evidenciando que práticas predatórias levam a empresa humana à falência. Mesmo conscientes de que o que está vivo tende a morrer, passamos a cuidar mais do ambiente.

É da Contabilidade que vem a lição: a preservação da vida, como nos negócios, não significa impedir o fluxo de despesas e receitas, mas sim projetar seu equilíbrio.

6 - A insustentável sustentabilidade do ser

O desenvolvimento sustentável, politicamente correto, literalmente é uma quimera. Não existe ser vivo que dure para sempre. A vida e a morte não se excluem, elas fecundam-se mutuamente; o sentido de uma está inextricavelmente ligado ao da outra.

Na natureza, o aumento da entropia, ou a inexorável degradação da energia utilizável para a produção de movimentos, é uma lei física, irrevogável como a da gravidade. Considerar a Terra um ser vivo (Hipótese Gaia) comove os corações e inspira ações de preservação, mas a Terra será eterna enquanto durar. Justamente por estar viva, morre um pouco a cada dia.

"Quem quer viver para sempre?" Este é o tema da música de um belo filme, que trata da inumanidade da eternidade. Naturalmente, não se trata de uma questão de mero querer: o ponto final é o destino natural.

Isso não significa, no entanto, que a vida não deva ser cuidadosamente preservada: todo desperdício material é condenável e especialmente insuportável é o desperdício da vida.

7 - Durabilidade

Vivemos a volúpia do consumismo. O fascínio pelo novo associa-se à obsolescência planejada e, juntos, declaram o irracionalismo do conserto, a racionalidade do descarte.

Nas compras, papéis, embalagens com muito capricho duram muito pouco, logo viram lixo. Nas praças de alimentação, o desperdício é de dar aflição. Roupas, celulares, computadores e mesmo automóveis são trocados mais pelo fastio do que pela necessidade.

Quase tudo que usamos poderia durar mais. Os novidadeiros que me desculpem, mas conservar é fundamental. Tentar consertar algo que se quebra ou que para de funcionar nos faz entender melhor sua função, seu funcionamento. É tão natural cuidar de um braço fraturado quanto de um objeto quebrado ou de uma amizade abalada. Um mesmo fio interliga o carinho pelas coisas, pela natureza, pelos animais, pelos seres humanos. Nem sempre o novo é melhor que o velho.

Ao fazer as coisas durarem mais, combatemos a violência do desperdício e preservamos os recursos vitais. A vida agradece.

8 - Durabilidade e conservação

Como as pessoas, há palavras simpáticas e antipáticas. A ascensão da sustentabilidade ao pódio do politicamente correto tornou a *durabilidade* uma palavra simpática. O fascínio das tecnologias, da busca do novo a qualquer custo, fez da *conservação* uma palavra antipática. As duas, no entanto, mantêm laços estreitos.

Para clarear a questão, M. Oakeshott produziu um texto seminal: *O que é ser conservador (1991)*. Afirma que "onde quer que exista uma identidade firme, é provável que exista uma disposição conservadora". Associa a voracidade das mudanças e o esgarçamento dos laços sociais. Objetos rapidamente descartados, como celulares ou automóveis, refletem especularmente a fragilidade das crenças morais, das relações de amizade, das tradições mais caras, dos hábitos mais fecundos.

Destaca que o respeito às regras de um jogo é fundamental para sua constituição. É possível mudá-las, mas é preciso compostura e paciência: aí residiriam as principais diferenças entre ser ou não ser conservador.

9 - Quatro formas básicas de reacionarismo

Em *A retórica da intransigência*, Albert Hirschman caracteriza o que considera três vertentes principais do pensamento reacionário, ao longo da História, diante de uma perspectiva de mudança: a futilidade, a perversidade e a ameaça.

O argumento da futilidade considera que as mudanças não surtirão efeito algum; após algum tempo, tudo voltará a ser como antes. O argumento da perversidade garante que as transformações tornarão a situação ainda pior. O da ameaça sugere que as ações propostas poderão por em risco conquistas já realizadas.

Nos três casos, a retórica do reacionarismo conduz ao conformismo, que é muito distinto de uma conservação do *statu quo* a partir de um juízo consciente sobre os méritos do que vige.

Uma quarta forma básica do pensamento reacionário manifesta-se quando, diante de uma proposta de mudança, afirma-se com pretensa sabedoria: "é interessante do ponto de vista teórico, mas na prática não funciona". É quase impossível contra-argumentar sem parecer agressivo. Mas dá.

10 - A conservação negativa

Um jogador erra uma jogada de efeito e é criticado pela torcida: "Não inventa!" Ao conduzir o filho à escola, o pai adverte: "No caminho, não fale com estranhos". Uma sugestão para alterar uma rotina no trabalho é recusada pelo chefe: "Não se mexe em time que está ganhando".

Nos casos citados, a melhor das intenções pode dar lugar às piores conotações do conservadorismo: limitar-se a fazer o mínimo exigido, não procurar conhecer mais do que já se conhece, acomodar-se ao que usualmente já se faz. Rigorosamente seguidas, tais recomendações levariam ao congelamento geral da vida.

Incentivar a criatividade, valorizar a abertura para o outro, manter sintonia fina com as circunstâncias, reconhecendo que a mudança pode ser necessária até para permanecermos no mesmo lugar, são contrapontos a tais supostas máximas.

A transformação ou a conservação não são intrinsecamente positivas ou negativas. E não nascemos com um "Manual do Fabricante": o discernimento a respeito é construído na lida diária.